

Ariel: Olá, amantes da arte. [trilha de piano ao fundo]. Neste episódio, a gente...lh, passou um carro. Hum, hum, hum... Bom, neste episódio a gente vai fazer algo um pouquinho diferente do que a gente costuma fazer, e vocês terão a oportunidade de conhecer um pouco mais dos bastidores do programa e dessa pessoa que vos fala. Vai ser totalmente dedicado a responder as perguntas que vocês, ouvintes amados, fizeram lá pra gente, lá no Twitter do Descriarte, o arroba Descriarte Pod. É, eu postei uma artezinha lá, falando assim "E aí, mandem perguntas e tals" e bom né, você pode estar pensando "nossa, mas eu não sigo no Twitter e tudo mais". Está perdendo tempo, vai agora na rede do passarinho e segue lá Descriarte Pod, onde você vai poder interagir mais com a gente. Não vai ter erro de gravação nesse episódio porque ele em si é um erro. E se você quiser ficar ligado nas últimas novidades do programa, fazer parte de oportunidades como essa, de mandar perguntas pra gente, reclamar, solicitar coisa, pedir episódio, é... segue a gente lá arroba Descriarte Pod, vocês vão poder interagir mais com a gente e eu juro que eu tenho uns RTs legais e faço uns comentários sobre a produção do programa. E se você gosta da gente, se você acha que o nosso trabalho está sendo bom, mesmo com os erros, mesmo com as tentativas, é... eu queria te dar um recadinho, no Descriarte, esse bebezinho podcast, que não tem nem um ano. Bebezinho podcaster [risos]. Um microfonezinho pequenininho da Pixar, sabe, pulando, que na verdade é um abajur, mas vocês entenderam. Ele está competindo no prêmio iBest, o prêmio iBest é a maior premiação do universo digital brasileiro e ele encontra, né, e compara principais iniciativas online em sites, apps, redes sociais e ele tem inclusive uma parte específica pra podcast e várias pessoas muito grandes já competiram no iBest e a gente tá lá, pequenininho, bebezinho, mas a gente tá lá competindo nessas três categorias, diversidade e inclusão, opinião e cidadania e podcast, competindo com gente muito grande que está há muito tempo já, e eu admito que eu fico bem contente olhando os resultados, é... mesmo a gente com menos de um ano, estamos no décimo segundo lugar atualmente em podcasts, perto de gente que está há muito tempo, em opinião e cidadania a gente está, acho que quinto ou sexto, perto de gente que está muito tempo na internet e em diversidade e inclusão a gente está em quarto, e eu gostaria de pedir pra vocês, se você acredita na nossa iniciativa, se você pensa que, mesmo a gente sendo

pequeninho, mesmo no início, que a gente merece essa chance de estar entre as principais iniciativas digitais, cola lá no link da descrição e é só se cadastrar com um e-mail e uma senha, procurar o Descriarte na aba de pesquisa e votar no coração da esquerda, porque né, tinha que ser esquerda e que ele representa o sim, né. Manda pros amigos, colegas e todo mundo que possa colaborar, a votação ela reinicia a cada vinte e quatro horas e ela vai até o dia trinta de maio, eu tô gravando isso no dia vinte e quatro, na madrugada do dia vinte e quatro, vou tentar editar hoje mesmo e manda lá pros colegas, [risos] tenta ajudar o Descri a chegar no top dez dessas três categorias ou se manter e eu já fico grate pela oportunidade de tá participando disso e vou tá vendo que vocês tão interagindo e fizeram o Descriarte chegar até aqui. Muito obrigada de verdade. Eu quero agradecer o Rodrigo Hipólito, muito obrigada pela sua recomendação lá no Midcast que pra quem não sabe é um podcast que vai falar sobre política e atualidade, mas sempre com muito bom humor. E obrigada de verdade. É meio que nessa colaboração entre podcasters que a gente cresce. [risos]

Bem... Bora começar? Acho que a maneira certa é me descrever, né? Eu, eu nunca me descrevi aqui, no caso, eu já me descrevi em algumas lives que eu fiz parte, mas aqui eu sempre pensei, "ah, tô falando de uma arte específica. Eu não sou o foco do programa, né?" Obviamente. Então eu, nunca fez muito sentido pra mim. E afinal, eu falo que a arte ainda não tem um consenso na academia, se a minha performance diária de fingir que eu sou um adulto neurotípico se enquadra enquanto arte e eu também não sei se usando de bolada no nariz que eu levei devido ao handebol contam como escultura.

Eu sou Ariel Machado, eu tenho vinte e dois anos, recém completos, eu fiz aniversário agora, dia quinze de maio, eu sou taurine, ascendente em gêmeos e lua em touro, caso você ligue pra isso, ah, se quiser saber o resto do mapa só conversar também, adoro bater papo sobre coisas que não necessariamente eu acredito, mas vamos lá, eu tenho vinte e dois anos, eu tenho pele clara, eu tenho cabelo vermelho, ele está curtinho na altura do nuca, ele é cacheado e bem armado, eu tenho um sidecut do lado direito que eu passo a zero porque acho confortável. Eu tenho olhos castanhos escuros de formato amendoado. Eu sempre acho que eles são pequenos por conta da lente dos meus óculos que é muito grande porque eu sou muito míope. Mas

eles não são muito pequenos. É... Eu estou em um óculos dourados redondos e eu tenho uma sobrancelha grossa [risos] porque às vezes elas se juntam meio tipo Frida, então eu trato elas como se fossem uma só, mas eu tenho sobrancelhas grossas e pretas que meu cabelo é um, originalmente né, é um castanho escuro muito, muito fechado, mas eu pinto de vermelho por que e... pra que ser Ariel só no nome, não é mesmo? Meu nariz ele é adunco, ele tem um quebradinho assim na ponte por conta do handebol, mas ele é pequeno. A minha boca ela é... eu acho ela desenhadinha assim, ela tem as forminhas bonitinhas e ela é pequena, mas carnudinha e eu tenho covinhas quando eu sorrio, então quando você ouvir a minha vozinha assim eu estou fazendo covinhas provavelmente, nas duas bochechas. E bem, depois dessa descrição da minha carinha, vamos as perguntas de vocês.

O arroba G.a.a.s.08 perguntou: "Teve algum evento em particular que levou a criação do projeto?"

Então, eu adoro essa história porque teve. É... eu já estava começando a fazer todo esse processo de audiodescrição. Não de audiodescrição. Vamos lá. Eu já estava começando a descrever as imagens que eu postava nas redes sociais, porque eu comecei a seguir muitas pessoas cegas e elas falavam muito sobre isso e eu comecei a repensar muito sobre isso e desde que eu comecei a, né, descrever as minhas imagens. E um dia eu queria relatar como um quadro específico chamado "Essa flor quer desaparecer" do Paul Klee, me afetava. É...eu, eu senti uma emoção muito forte quando eu olhei para aquele quadro, me identifiquei muito com aquele quadro. E aí eu quis postar sobre isso e eu fui fazer a descrição de como aquele quadro funcionava, e eu nunca tinha feito uma descrição de obra de arte em si e depois que eu terminei, e ficou uma sensação de que cara, existe algo mais do que apenas descrever o que você está vendo, porque... Arte também é muito sobre o sentir, né? E aí eu comecei a levantar esse questionamento de como funcionava o audiodescrição de arte, de como que a gente poderia estar descrevendo experiências sensoriais, sem limitar a experiência do outro, né? Da pessoa cega...e eu, eu comecei fazer esse questionamentos e comecei a pesquisar sobre essas coisas e lá em abril de dois mil e vinte eu falei assim: "e se eu fizesse um podcast que eu falasse sobre a arte, eu usasse a audiodescrição pra ser inclusiva pra poder falar pra todas as pessoas" e também não forçar ninguém a fazer uma coisa

que eu acho muito chato que é quando um podcast, que é uma mídia em áudio, não descreve a imagem, ele meio que fala assim: "ah pesquisa aí", isso é uma coisa que eu acho absurdo especialmente podcast grande faz muito essas coisas, agora está começando a mudar porque é sério essa pauta né, da acessibilidade, da audiodescrição, está começando a atingir mais pessoas. Eu demorei um pouco pra fazer o projeto porque eu achava que eu precisava pesquisar, eu estava muito sem tempo e eu tomei coragem num dia assim de setembro, sabe? É... o projeto nasceu na minha cabeça em abril, há... aproximadamente em agosto eu esquematizei tudo, fiz identidade visual...

A arroba O Outro Batman com vários underlines é, arroba o, underline, outro underline, Batman. Ela perguntou "qual o tema de episódio que eu mais gostei até agora?"

Em quesito de temática...de temática, o episódio seis, né, sobre a Daiara Tukano, sobre a obra da loucura, sobre a questão indígena. Ele é o episódio mais importante até agora que saiu, né, teremos outros episódios importantes, ele é um episódio politizado, ele é um episódio que diz muito sobre o que o Descarte pensa e defende pautas muito principais, muito essenciais pra mim. Então eu acho que ele é um episódio muito bom nisso. Eu tenho uma conexão com o episódio da Frida, uma conexão emocional, com episódio da Frida que foi o episódio quatro, que mesmo que não tenha um tema específico, mesmo que ele esteja mais tratando sobre a biografia, mesmo que reduzida da ferida, né, peguei só uma parte da vida dela, é...mesmo que eu peguei só uma parte da vida dela, foi um episódio que me tocou muito fazer, foi um episódio que deu um trabalho, assim, pra fazer, foi um trabalho gostoso, eu li uma biografia de setecentas páginas, eu fiz pesquisa, eu procurei em todos os idiomas que eu sei ler [risos], não necessariamente falar, mas o que eu sei ler e foi gostoso, sabe, falar de Frida, me identificar com ela, sofrer junto e então é [risos] o episódio que eu mais gosto até agora.

Ah... O arroba Amorinxi perguntou: "qual o meu maior prazer vindo do podcast?"

Eu acho que quando eu recebo o feedback de vocês, e vocês falam que foi uma experiência, assim, que fez vocês verem o quadro de outra maneira, fez vocês refletirem sobre alguma questão, é...eu acho que quando vejo o episódio pronto depois de muito tempo de trabalho, e a gente vai falar mais

sobre isso, mas é uma satisfação imensa sabe, ver o episódio pronto, ver ele entregue, ver vocês curtindo, ver as estatísticas do episódio ali subindo e, tipo, essa conexão sabe, de eu saber que apesar de estar falando sozinha [risos], na maior parte do tempo, e eu já falo muito sozinha no dia a dia, mas está falando com vocês. Mesmo que eu não veja vocês, eu...eu toco vocês. Eu, minha voz chega até vocês. Acompanha a rotina de vocês. Então assim, pra mim é um dos maiores prazeres que eu tenho de ver que meu trabalho ressoa [risos], pra mim é muito engraçado pensar em, ressoa, desculpa. Ver que meu trabalho ressoa e toca as pessoas e faz alguma coisa, sabe, tipo, tem uma importância nesse processo de a gente buscar acessibilidade e inclusão e da gente fala de arte, especialmente nesse contexto que a gente vive atualmente, sabe?

Ah... o arroba Tiagoelemesmo perguntou quais são as minhas maiores inspirações pro podcast no sentido de estilo narrativo, estética, produção.

Então... cara, assim, eu tenho... cada episódio eu geralmente, eu tenho algumas buscas específicas do tom que eu quero dar no episódio, mas de forma geral eu...eu acho que eu me inspiro muito no “37Graus”, não no sentido de buscar uma narrativa pra cada episódio, mesmo que o formato dela seja bem diferente de como o Descr funciona. Eu também gosto muito de podcast narrativo de contos, tipo “Um Conto e tanto” do Tanto... É... Ai...do Piá do sul. O cavalo. O cavalo do Twitter, maravilhoso, o tanto. É... também o “Escriba café”, me inspira muito nessa coisa da narrativa, da voz aqui direto e eu vou apresentando essa história. Acho que é isso. Acho que é isso. Ah... eu também ouço muita coisa da gringa né? Não necessariamente podcast, mas YouTube também, e um canal do YouTube que me inspira muito que também tem um podcast é o “Quadro em Branco”, eu acho que eles fazem uma coisa que eu gostaria muito de sentir que eu estou fazendo que é trazer associações pra realidade das pessoas, sabe, não ficar uma coisa só, como muitas vezes as pessoas foram ensinadas a entender que a história da arte é como uma coisa que é só do museu e que a gente não vai usar pra nada, não serve pra nossa vida, não serve pra gente pensar nossa própria realidade. Eu acho que o Quadro em Branco faz um papel lindo nisso. Não só Quadro em Branco, o YouTube, o YouTuber, o canal do YouTube Antídoto também é do cacete nisso. Ele é muito bom. É... também tem um rapazinho gente, não lembro o nome

dele agora. É... hum... eu só lembro do esquilininho. "Ludoviajante". Eu gosto do Ludoviajante. Ele tem um humor de tiozão parecido com o meu, então eu gosto bastante. [risos] É...eu acho que é isso. Acho que são várias referenciazinhas assim. E eu sempre gostei muito de poesia e eu gosto de tentar fazer esse tipo de narrativa. E eu sou uma pessoa de esquerda. Então eu vou consumir muitos podcasts e YouTubers de esquerda, e recomendá-los e eu acho que a forma também, da forma que eu falo e organizo as coisas acaba, né, está envolvido nisso, mas de forma geral eu acho que eu citei algumas referências assim.

Resolvi juntar algumas perguntas e falar junto que são as perguntas do arroba Ivo Pelicano que é: "como traduzir para pessoas cegas as sensações que foram transmitidas pelos artistas através das cores, uma vez que muitas delas podem nem ter noção do que é um azul ou um vermelho?" e o arroba Amorinxi perguntou: "como é reler uma obra de arte e trazê-la para as sensações, para pessoas que não podem vê-las?"

Então, é...na audiodescrição, eles vão te dizer que uma das regras da autoinscrição é você dizer as cores. É..., mas é por quê? É só porque você tem que dizer? Não. Cores tem um significado social. Mesmo que uma pessoa não saiba o que é o vermelho existe uma associação por conta da cultura, vidente [risos], né? Da cultura visual e de como todo mundo está inserido nessa troca de informações que as pessoas sabem o que um vermelho simbolizaria. As pessoas sabem que quando alguém fala que uma pessoa está vermelha, está com a bochecha vermelha, isso se traduz em envergonhado. As pessoas sabem que quando a gente diz um sorriso amarelo, é um sorriso sem graça, um riso falso. Essas são metáforas e o outros significados da cor. Ah...se uma pessoa diz: "a nossa bandeira nunca será vermelha", uma pessoa não precisa ver pra entender que ela está querendo dizer que o nosso país nunca será comunista, é...então assim, esses significados sociais são importantes, fazem parte da cultura e também tem um adendo interessante, existe a questão da sinestesia, né, é...tem uma menina no TikTok, que eu não vou lembrar agora o arroba, talvez eu bote na descrição que ela fala sobre essa percepção de que ela tem das cores de uma forma sensorial, auditiva, tátil, por exemplo, quando ela pensa branco, ela pensa é... limpeza, é no sentido da roupa, sabe, tipo é cheiro de alvejante, ela lembra cheiro de alvejante ou quando ela pensa...é... amarelo, ela pensa no calor do sol. Então essas coisas são

traduzidas de outras formas e sensações. E é importante dar essa informação para que a pessoa tenha percepção única dela da obra. Inclusive tipo, existem pessoas que ficaram cegos com o passar do tempo e já tem a percepção de cor, né, existem pessoas que tem baixa visão, por exemplo, e vão ter diferentes graus de percepção. Da mesma forma que uma pessoa daltônica também pode estudar arte, né, e pode ser designer inclusive, porque as coisas elas não são tão limitadas assim então, é importante dizer, é importante trazer essas sensações, cada um vai ter sua própria leitura de mundo, assim como nós pessoas que vemos, né, nós pessoas visuais vamos ter diversas percepções diferentes, mesmo que a gente veja o mesmo vermelho, não necessariamente vai ser o mesmo vermelho pra todo mundo e vai gerar uma série de reflexões pra cada um, as pessoas não visuais também tem isso.

É... o G.a.a.s.08 e o Thiagoelesmo perguntaram, né? Como é o processo de elaboração do episódio né? Como que é o processo de pesquisa e escrita do roteiro, inclusive quando eu estava falando isso com Gas a gente começou a fazer um monte de piada sobre o Descartes e método, e foi uma viagem muito engraçada. Obrigada! Obrigada Gas! Obrigada! Guizão! Maravilha! Sempre me ajuda! E... bom, basicamente eu queria muito falar sobre isso porque realmente é um processo que algumas pessoas acho que não tem dimensão do quanto tempo leva, né, é...eu só consigo fazer um episódio por mês porque eu trabalho, faço freela, e eu gosto muito de pesquisar as coisas. Eu levo muito tempo pesquisando, lendo livros, traduzindo vídeos, observando notícias e tentando ver como eu posso relacionar aquela informação de alguma forma. Existe o próprio período que eu vou ter que traduzir a obra pra audiodescrição, então assim, vamos supor, primeira coisa que acontece é quando eu vou pensar na obra ou no que eu quero dizer, geralmente eu penso primeiro o que que eu quero dizer e qual obra eu vou achar pra isso, tanto que eu só falo um quadro no máximo, dois por episódio, justamente por conta disso, porque eu quero abordar através de um quadro específico um monte de informação então, por exemplo, vou escolher primeiro quadro. E aí...vai começar a série da pesquisa, né, vou pesquisar o movimento que aquilo ali está inserido. Vou pesquisar a época histórica. Aí eu vou ir atrás de livros e artigos sobre o autor. Aí eu vou atrás da técnica que aquele autor trabalha, e isso vai primeiro fazer um grande fichamento. Eu

faço... Eu faço fichamento bonitinho com a ABNT e depois eu cago nisso porque eu não estou afim de ficar citando toda hora, como se fosse quase acadêmico as coisas, mas eu boto todas as referências em todos os episódios vocês sabem, e aí eu faço toda essa pesquisa e aí começa a etapa de fato de parir o texto, sabe, e às vezes essa pesquisa ela levou duas semanas, porque eu preciso... as vezes eu preciso ver um filme pra eu poder entender como que eu posso contar aquela história de uma forma diferente. Às vezes eu preciso ouvir um álbum de música, ou eu preciso ver entrevista, ou eu preciso aprender muita coisa nesse processo pra eu poder contar pra vocês. Eu gosto de ter o controle quase total do texto porque eu gosto de saber o que eu estou falando, eu gosto de quando eu estou fazendo a gravação, eu gosto de ter muita certeza de cada palavra que eu botei ali e aí tipo, tá, o texto tá pronto, mas nisso vai estar um monte de período de revisão então vou passar quase três dias trabalhando no texto de fato, e três dias assim sempre na correria porque eu vou fazer no horário de almoço, entre um curso e outro, entre uma aula e outra da faculdade, entre um trabalho e outro, entre um freela e outro às vezes dormindo tarde, às vezes me sentindo super culpada [risos], meu Deus, porque que eu escolhi fazer isso? [risos]. Mas eu escolhi. E é divertido quando eu finalizo o texto eu falo nossa isso está bom. Eu tenho alguns amigos que na camaradagem fazem revisão comigo e me dizem que eu posso melhorar, eu agradeço muito, elus todos. Obrigado Thiago, brigada Morgs, brigada Guizão, vocês estão sempre me ajudando nisso e muito obrigada por isso, brigada Bella Prudencio que já me ajudou também bastante e a outra Isabela, Isabela Giordano também já me ajudou muito, muito gostoso poder contar com amigos também nesse processo porque eu sei que quando eu estou falando aqui parece que eu estou fazendo tudo sozinha, mas tipo não é, sabe? Se eu não tivesse o apoio emocional dessas pessoas muito provavelmente nem passaria do episódio um. Porque quando a gente já está sendo engolido pela máquina do Capital a gente ainda ter energia pra fazer uma coisa que a gente ama, porque eu amo fazer isso aqui, é difícil, é difícil, então se eu não tivesse ajuda, puta que pariu, desculpa gente eu xingo... xingo um pouquinho. Desculpa. [risos]. Eu sou de Duque de Caxias, né? Não sei se eu falei isso. Não, acho que não, sou de Duque de Caxias, Baixada Fluminense. A gente fala chiando e fala alto parece que está fazendo barraco, e xinga bastante. Então assim,

desculpa. Bom, e aí tem todo esse processo de escrever de fato. Aí eu vou gravar. Como que eu gravo? Eu pego uma caixa de papelão eu boto o microfone, né, que meu companheiro me deu. Maravilhoso. Valeu Thiago, de novo, eu fecho todas as janelas do quarto, fico num calor ferrado dentro do meu quarto, que agora eu tenho o quarto há um tempo atrás eu não tinha quarto eu gravava na sala de casa, é...fechava todas as portas pra não acordar minha mãe e tals que moram comigo, mas agora que eu tenho o quarto é um pouco mais tranquilo, aí eu fecho a cortina pra tentar abafar o barulho da rua, mas nem sempre funciona e é isso eu gravo e aí eu mando pra Liz, isso antes eu já mandei tipo várias referências pra ela de músicas, de entrevistas, eu faço a minutagem das entrevistas aos enxertos que eu gostaria de que estivesse no episódio, mando tudo pra ela e ela faz o processo dela, que se vocês quiser quiserem perguntar especificamente eu posso pedir pra ela gravar e explicar pra vocês, mas é um processo muito bonito, aí ela me manda, eu faço alguma pontuação, peço algum tipo de alteração, mas normalmente não precisa porque ela faz um trabalho realmente incrível, contratem ela. É... [risos] e é isso assim, eu faço a capa do episódio, eu posto e aí eu sinto que o trabalho está feito, mas nem tanto porque eu tenho que divulgar e é isso e tudo recomeça, e enquanto o episódio está sendo postado já tem pelo menos um sendo roteirizado e tipo mais um sendo pensado, planejado e pesquisado e já sei, sei lá, até o ano que vem os episódios que eu quero lançar, obviamente sempre abrindo oportunidade pra vocês meus caros amantes da arte mandarem suas sugestões, seus pedidos. Eu realmente agradeceria muito se vocês fizessem isso, assim. Eu realmente ficaria muito feliz com isso, eu fico feliz e ver que vocês tem tanto interesse, que mesmo vocês conhecendo uma obra, vocês gostariam de saber a minha forma de contar aí essa história, ou se vocês tivessem muita curiosidade específica de uma série ou de você, pessoa com deficiência visual ou baixa visão que sempre ouviu falar de uma obra específica e não encontrou uma audiodescrição pra essa obra, vem me pedir, pode chegar, a gente faz, a gente coloca na prioridade, não tem nenhum problema. Eu quero fazer esse programa pra vocês. Eu quero que seja uma experiência agradável pra vocês. Então chega mais. Só pedir. E é isso.

O arroba Six Salvatore só que o A é um quatro, o primeiro A, é sex quatro Autori, gente meu arroba é tão simples, por que que vocês fazem essas

coisas? Perguntou: "qual é o meu movimento favorito, preferido." Isso vai variar, tá, Sirius, isso vai variar muito, porque eu gosto de movimentos dentro do design também, por exemplo, eu sou uma pessoa que gosta bastante de art nouveau apesar de ser brega, todo mundo gosta de art nouveau, mas eu gosto bastante de art nouveau, eu gosto também da linha do design do construtivismo russo [risos] gosto bastante, gosto bastante também da estética dos anos sessenta e tais, mas falando de movimento artístico, enquanto a gente entende, eu gosto muito de expressionismo sempre me tocou desde criança, eu gosto muito de realismo fantástico que a gente está falando de Frida, né? É... realismo fantástico porque eu tenho esse negócio, né, de a galera fica falando que ela é surrealista e tais, mas ela mesma não se entendia enquanto surrealista, eu estava falando de uma realidade dela, então acho que realismo fantástico é uma coisa que se adéqua muito a nossa realidade latino-americana, e enquadra um pouco bem Frida, sabe? Mas eu gosto bastante, gosto do surrealismo, gosto, mas, né, não muito do Dali, eu gosto dos pré-rafaelitas, gosto bastante deles, eu gosto um pouco de tudo, é uma pergunta muito difícil na verdade porque, é... também tem os movimentos contemporâneos assim, que me atraem muito enquanto [barulho ao fundo] barulhos, desculpa, que me atraem muito enquanto uma reflexão sobre a arte enquanto produto. Gosto da pop art, eu não consigo responder essa pergunta. Acho que o movimento preferido meu varia de acordo com o dia da semana e meu estado de um espírito.

Ãh... o arroba Amorinxi perguntou: "como, em tempo tão complexo, é usar arte enquanto forma de resistência?"

E eu acho que você Amorim falou, basicamente, tudo, é resistência, é muito cansativo é uma luta constante, é sentir que as margens constantemente estão te oprimindo, constantemente estão te pressionando e que qualquer momento que você é um pouco revoltoso já viram e falam: "porquê que você tá tão agitado e agressivo e mortífero", é você sentir as vezes que... não está sendo ouvido e é você as vezes também sentir que por conta da sua voz outras pessoas também falaram e isso é uma coisa muito boa, é uma coisa que me deixa muito feliz e é necessário, a gente enquanto classe artística, e amantes da arte no geral, e pessoas que entendem que a arte vai além do que a gente gosta ou não gosta e sim, é a capacidade humana de simbolizar coisas e fazer

sentir, e sentir e pensar o que se sente, e que isso é necessário, não importa se você não gosta, não importa se você não entende inicialmente, mas é necessário que haja espaço para todo tipo de arte e que o constrangimento, a proibição, a censura em volta disso, só nos vai levar a uma sociedade emburrecida [risos], sociedade que não vai ter uma discussão, a gente só vai ser tecnologias e maquinar nossos corpos, e enrijecer nossos corpos e nossas mentes, nossos corações, a gente entender que todo tipo de arte precisa existir pra que a gente possa discutir o que a gente gosta e não gosta, pra gente poder repensar essas coisas então assim, é...quando uma pessoa levanta a voz pra falar sobre arte, pra falar sobre processos históricos, pra falar sobre opressão, pra falar sobre todas as coisas que a arte está dizendo, é...que os artistas estão falando, a gente saber que tem gente ouvindo e que tem gente falando também sobre isso, a partir do que você está ouvindo, é bom, dá força pra continuar resistindo.

E respondendo a @queennoface, cuja todas as vogais são substituídas por números exceto a última, por que vocês fazem isso comigo? Como é que eu vou? Eu vou deixar todas as arrobas na descrição. É mais fácil. Hã... Queen no Face disse que perguntou: "você acha que qualquer tipo de arte é válida?"

Qualquer tipo de arte é válida. [barulho de pessoa bebendo água]. Resposta curta, sim. Resposta longa. É... tinha um cara, eu não vou saber o nome, eu posso pôr na descrição, tinha um cara que ele era um político republicano nos Estados Unidos e ele tomou que, tipo, arte feia, boba e ridícula não deveria existir porque A arte tem que ser só negócio educacional e elevar os ânimos de uma nação. E ele pegou pra Cristo, um mano que é um fotógrafo muito famoso da questão de BDSM, de Gay Culture, de Leather Culture, né, subculturas associadas a sexualidade e a cultura gay, nos Estados Unidos nos anos oitenta, né, digamos assim. Acho que era setenta, oitenta. E ele fotografava essas questões assim e né, falar de sexualidade é automaticamente tocar num vespeiro de pessoas que vão usar: " Ai, protejam as nossas crianças, porque uma exposição não pode mostrar isso e isso não é arte, e todas as coisas" e existe um fenômeno muito curioso que eles fizeram, esse político fez tanta pressão, falar mal desse cara, que o museu que ia expor esse mano, esse fotógrafo, fechou e falou assim com ele: "Ó, não vamos fazer essa exposição mais não", e esse político ligou puto pro museu, [barulho de

fundo], parem de fazer barulho, meu Deus. Esse político ligou puto pro museu e falou assim: "Não, vai ter que ter exposição sim", porque o que ele queria era buzz. Ele queria era treta. Ele queria que as pessoas se revoltassem e tivesse um motivo pra se revoltar. Vamos pular um pouco mais pro passado. Vamos falar de Alemanha nazista. Pois é. É. Vou usar, vou usar o argumento. Mas estamos aí. Alemanha Nazista, vai ter um negócio chamado arte degenerada, que é a ideia de que raças inferiores, como diria os nazistas, produziram uma arte inferior que obviamente não era dela né, era o expressionismo, era o impressionismo em si, arte moderna no geral era criticada por eles e a única boa arte era a que pegava os critérios das artes clássicas, da escultura, da valorização do nacionalismo, da pátria e contavam essa história de força da pátria. Eles fizeram um museu né, de arte degenerada e as pessoas iam e ficavam: "Ah que coisa feia, coisa horrível." É o mesmo raciocínio, todo mundo que quer proibir um tipo específico de arte, gosta que essa arte seja demonstrada como um exemplo de algo que não deve existir. Então, eu falei isso tudo, basicamente, pra dizer que a ideia de você pensar que determinada arte não é válida tem muitas vezes um perigo muito complexo. Primeiro de pensar o que que é arte, pra essas pessoas, porque quando a pessoa vai falar: "Essa arte não é válida", ela vai ter um critério específico de arte pra poder validar o que que é isso. E a gente teria que perguntar quem que está validando essa arte específica. É... existe muito uma discussão, né, que na Academia de Belas Artes, e tudo mais, você tem esses debates que vão determinar o que que é arte, o que que não é. Mas a gente sabe muito bem que historicamente os movimentos de vanguarda justamente queriam ir contra essas grandes galerias, esses grandes museus, grandes críticos de arte que estavam falando o que que seria arte o que que não era, o que que seria uma boa arte, o que que seria uma má arte, o que que seria adequado pra ser exposto e o que deveria estar no salão dos recusados ou dos degenerados, no caso da filosofia eugenista, racista e de extrema direita do nazismo. Então assim, a gente antes de pensar em falar que Tal Arte não deveria desistir ou não é arte a gente devia pensar o que a gente gosta e o que não gosta e tudo bem não gostar, tudo bem é uma coisa não agradar, mas as discussões recentes também sobre artes que me dá isso aí, isso aí é bullshit, isso aí é merda, não sei o que, se a gente for ver, muitas das vezes que a gente está

dizendo que aquela arte não é válida, aquela ali não é arte, é uma pessoa que muitas das vezes está atrelada a um pensamento de extrema direita. E ela está, muita das vezes, acusando mais o artista que a faz, faz aquela obra e usando aquela obra como um estopim pra atacar o artista, é... tem alguns casos por isso, vou botar algumas notícias na descrição sobre isso e é basicamente isso, eu acho que a pergunta: "você acha que qualquer tipo de arte é válida?" Ela é uma pergunta muito pesada assim, porque tipo, não é pesada, ela é uma pergunta inadequada mesmo, não é inadequada, acho que ela é uma pergunta que precisa existir, mas tipo assim, o que é que é qualquer **tipo** de arte? O que que é arte? Entende? O que que é **qualquer** tipo de arte? Você quer dizer: "Ah, eu posso chamar qualquer coisa de arte? O qual o que que vai determinar esses critérios?" É uma pergunta muito ampla e é uma pergunta que corre muito risco de cair em pensamentos de senso comum sobre a arte, e corre o risco de cair, quando a gente está falando de senso comum, em pensamentos fascistoides em pensamentos preconceituosos enfim, e assim, a arte atualmente ela se coloca enquanto um sistema de produção que é validado ou não por um grupo de pessoas, é...curadores, museus, pesquisadores e dentro disso você tem uma academia de arte que tem uma raiz muito europeia deste entendimento, e gera situações como artesanato não ser considerado arte ou produções culturais de povos não serem, é...só após uma validação desses grupos, é algo realmente muito complexo. Citando uma amiga minha, Marcela, que pra quem não sabe é arroba @marteawq e, a Marcela, que é a Marte lá do Twitter, eu vou deixar o arroba dela na descrição, a arte é uma coisa que existe materialmente até quando não existe. É... Se tu vai numa galeria e a peça de arte é a galeria vazia, ela dá esse exemplo, é a galeria vazia, ainda existe uma obra ali que, porque você precisa da existência material da galeria e de um código social sobre o que que é uma galeria. E a arte ela é cheia de validações pares pra impedir que qualquer coisa meio que vire arte, né, e assim o mercado que a gente está falando aqui de grana, de gente com muita grana envolvida, gente com muito interesse, gente que recebe muito pra validar uma obra de arte como de um artista específico, e vocês podem ver, por exemplo, na arroba BeladasTretas, é uma arroba maravilhosa que eu também vou colocar na descrição. Vocês podem ver sobre diversas fraudes que ocorreram em volta

disso. Tem uns documentários na Netflix sobre fraudes no mercado da arte justamente porque é um negócio que dá muito, muito dinheiro e algumas pessoas elas buscam esse título de: "ah isso é arte?" pra querer dizer: "Ah... essa peça é válida? Eu posso gostar dela?" Só que não é assim que as coisas funfam, você pode gostar de uma parada e ela não tem uma titulação, uma consideração de fora. A quem interessa o Píxto ser ou não considerado a arte dentro desse sistema de mercado, sabe, muito pixador vai dizer que ele não é artista, outros pixadores vão dizer que ele é artista, e está tudo bem, está tudo bem, está tudo bem, sabe? Você pode gostar de uma parada, você pode não gostar de uma parada, você pode dizer que uma parada não é arte e sim, sinceramente, se você não tiver um embasamento de referências bibliográficas, um debate entre pares, você está só bostejando, mas né, em tese você pode, a liberdade de expressão te permite isso desde que você não seja né, fazendo nenhum crime, mas você pode, você pode achar que uma coisa não é arte sabe? Só que você tem que pensar o que que você está querendo dizer com não é arte, você está querendo dizer que não é arte porque não está expressando nada que você consiga entender, não é arte porque não é validado pela academia, ou não é arte porque você está dentro de um processo específico de sei lá, olhar aquilo ali e achar que é um absurdo que alguém faça isso na sociedade. Você tem valores morais em volta desse processo do que que está sendo feito ali. São vários questionamentos, né, quando a gente pergunta da validade de uma peça, sabe. É muito, muito doido a gente pensar em validação de determinadas coisas que em suma são a expressão simbólica da humanidade. E muitas coisas que a gente hoje em dia fala isso é arte não eram consideradas artes pelos seus povos do passado, sabe. É... da forma como a gente entende a arte. Então assim [barulho de carro] e passou um carro. Então assim, não é uma discussão fácil de ter, não é uma discussão que dá pra eu falar aqui sozinha horas e horas, mas o ponto é uma coisa que eu sempre repito aqui no Desciarte que enquanto vivermos em um sistema colonizador que valoriza elites, que gentrifica as coisas, é muito difícil, é muito difícil a gente falar de coisas que não são artes e coisas que são arte, porque se a gente começa a defender que uma determinada expressão marginalizada de um povo específico é a arte, é...sem que isso seja conversado com esse povo, sem que a gente esteja conversando com as pessoas que fazem aquela

produção a gente corre o risco de o próprio sistema financeiro capitalista fagocitar essas fita que a gente está discutindo e transformar isso tudo num produto. É... recentemente teve todo esse rolê de criptomoeda, essa é arte, e é muito nessa lógica muito clara de que a obra ela vai se tornando literalmente dinheiro, ela vai se tornando literalmente money, money, que aí a gente estava tendo toda essa discussão sobre NFT né, e sobre essas, como isso tudo é um negócio que é idiota, você tá comprando uma coisa que não na verdade não é uma parada tua, né? Você tá comprando e você tá basicamente queimando um hectare pra poder ter um codigozinho, porque a criptomoeda precisa gerar muita energia pra poder se manter e ficar minerando. Então é uma coisa que é contra o meio ambiente e é idiota. Mas é como a especulação de arte sempre funcionou, sabe, como você se atribui um valor exorbitante a uma parada que você diz, por exemplo, não, porque isso não é um Da Vinci. E aí você fica tipo, é mesmo do Leonardo da Vinci? Será? Ou simplesmente compensaria dizer que é do Leonardo da Vinci pra você poder vender num leilão? Fica aqui a observação, não estou dizendo que nenhuma obra específica não é do Da Vinci, só jogando aqui, então é isso, é muito complicado a gente chegar e pensar numa validade de arte, se a gente ainda está discutindo, é... A quantidade de vezes que pessoas vão ser ah...extremamente preconceituosas e conservadoras, ao mesmo tempo que a gente está discutindo sobre porque que essa titulação de arte vale alguma coisa, e ao mesmo tempo a gente está tentando derrubar um sistema colonial que nos entranha o pensamento. Então todos esses pilares ocorrem ao mesmo tempo, ao mesmíssimo tempo. E por isso eu acho muito válida a sua pergunta [risos], mas eu acho que eu não consigo dar uma resposta definitiva. Me desculpe.

E a última pergunta é o Sic Salvatore perguntando: "o que eu acho de fan arts e a questão de direitos autorais." Eu gosto de fan arts. Eu sou Nerdola. [risos]. Eu sou Otakinha. Já fiz muitos, muitos fan arts. Eu consigo entender que a sua pergunta é bem ampla também. Eu não...eu sei, por exemplo, que dependendo do direito autoral, por exemplo, o Monteiro Lobato né, aquele cara, Monteiro Lobato, ele tem algumas questões, por exemplo, se você faz uma... teve uma menina recentemente que ela fez uma, tipo uma, ela queria vender uma obra que era uma releitura, uma paródia, né, sexual do pica-pau né, do pica-pau amarelo do sítio do Pica-Pau amarelo e a família do Monteiro Lobato

caiu em cima, né, proibiu e tudo mais, porque isso infringia a memória. Mesmo que os personagens do Monteiro Lobato sejam é... partes né, deles sejam parte do folclore nacional, existem personagens que ele criou de fato né, e tem aquela leitura imagética específica dele da interpretação supercomplexa que a gente ainda pode falar sobre isso um dia, dele. A gente também tem, por exemplo, a Nintendo que qualquer coisinha que fã vai fazer da imagem dela e vai lá e tipo; "Uou, então toma aqui o processo por infringir os meus direitos autorais" a não ser que ela possa comprar e vender isso ela mesma. Então assim, essa questão de direitos autorais eu acho que eu não sou a pessoa mais habilitada pra responder, existe um Instagram maravilhoso chamado arroba BeladasTretas que você pode mandar pergunta pra eles, a menina que faz, a moça que faz ela é uma advogada, me explica direitos autorais e inclusive ela dá curso sobre isso. Acho que ela pode explicar muito melhor sobre isso. Mas assim, é muito curioso a gente pensar sobre fan art infringir direito autoral. Quando sei lá, se você for ver na história da arte, acho que eu falei isso no episódio três, sabe, do que se referenciava ao Piquenique na Relva, o cara basicamente fez uma grande fan art, sabe, de pinturas específicas que ele interpretou da maneira dele, então assim a arte cheia disso, a arte cheia dessas coisas, o Maquiavel na idade média, era muito bonitinho você fazer plágio, né, mas você estava fazendo plágio era uma homenagem, então você pegava essas coisas você...é... plagiava mesmo, copiava quase a citação inteira do autor, Maquiavel copiou direto do Dante, e aí você também tem, por exemplo, a ideia né, que é um eu vou botar esse, posso chamar de documentário, [barulho de algo arranhando], né? Um documentário do Mil e Mídias, é um canal no YouTube muito bom, ele vai falar sobre direitos autorais e a Nintendo e vai falar sobre como os direitos autorais, é... propriedade intelectual e todas essas coisas muita das vezes são utilizadas contra nós artistas e pessoas de design e é uma discussão muito interessante. Eu não tenho competência pra falar sobre isso. Mas é isso.

Bom pessoal essas foram as perguntas que vocês mandaram. Eu agradeço a cada pessoinha linda que mandou pergunta. Espero que eu tenha respondido da melhor forma possível e é isso.

Siga Descriarte nas redes sociais. Todas as arrobas são descriartepod. Mandem mensagem, vamos interagir aí. Votem na gente no Prêmio iBest, se

you think that we deserve this opportunity and it is that. Stay well, take care of yours.